

Judô e as lutas *historiadas*: outra dimensão de campo valorativo e de significação da motricidade na infância¹

Sérgio Oliveira dos Santos²

Resumo: O artigo apresenta a análise das dimensões do campo valorativo e do campo de significação em duas modalidades de luta, o *randori* e a *luta historiada*. O estudo foi realizado com crianças praticantes de judô de 6 a 11 anos de idade, de uma escola pública municipal de SCS com graduações que vão da faixa branca a faixa azul-escuro. A modalidade de luta historiada foi eleita pelos participantes como a que melhor representa a intencionalidade para lutar, ou seja, o sentido ou motivação para o combate desejado. Espera-se com o estudo ampliar as propostas educativas que envolvam a motricidade infantil em atividades de luta.

Palavras Chave: Judô, campo valorativo, campo de significação, *randori*, luta historiada.

Judo and fighting according to a story: another dimension evaluative field and the signification of motricity in infancy.

Abstract: The article presents an analysis of the evaluative field and the signification dimensions in two fighting modalities, the *randori* (traditional judo fight practice) and fighting according to a story. This kind of fighting was elected by the participants as the one which best represents the intent to fight.

Keywords: Judo, evaluative field, signification field, *randori*, fighting according to a story.

Introdução

“Lembre-se de que o caminho que vier a construir é apenas um caminho possível. Não tente convencer ninguém de que este é o caminho certo, apenas informe as condições que estiveram na origem da sua criação para que se possa analisar a coerência.”
(FEITOSA, 1999, pag. 79)

A luta de judô pertence a um *campo de significação*³ próprio, no qual a motricidade envolvida nas técnicas aplicadas durante as aulas, treinos, demonstrações e lutas, adentra uma esfera simbólica quando pretendemos dar sentido ao universo de ações corporais oriundas dessa prática cultural.

A esfera simbólica a que me refiro é aquela que vai atribuir sentido para o movimento corporal visualmente identificável. Até aí não há nenhuma novidade. Porém, uma mesma ação corporal de expressão de um golpe, aplicado numa luta de

¹. Originalmente, conferência do autor no “II Encontro Cemoroc Educação: O conhecimento pedagógico e seus limites”. São Paulo, 20-12-2012.

² Mestrando do PPGE da UMESP. Coordenador do Núcleo de Formação de Judô de SCS. Membro do Grupo de Pesquisa de Judô de SCS. Bolsista CAPES/PROSUP. *sergio_oliveirasantos@hotmail.com*

³ O campo de significação da motricidade, ou também, campo de significação de linguagem corporal (SANTOS, 2012), in: <http://www.hottopos.com/collat11/45-54Sergio.pdf>, exprime a noção onde a motricidade humana assume uma condição representativa graças a condição de construção simbólica da realidade. Essa condição, nossa verdadeira vocação humana, que nos distingue de outras espécies no planeta, concede a possibilidade de movermos o corpo além das necessidades vitais (comer, respirar, andar, etc), de forma representativa, ou seja, *doar sentido ao movimento que visa à transcendência* (SERGIO, M. sd, pag. 54). Como segue Manuel Sergio, *o homem é um ser carente por natureza e, devido sua incompletude move-se em busca de superação*. Este mover é constituído de intencionalidade representativa onde, seus pares, ao atribuir sentido as diversas formas de ação, estruturam as linguagens plásticas e motoras. O judô, nesse sentido, forma uma instituição capaz de permitir ao homem o desenvolvimento de seu potencial representativo.

judô, pode assumir distintos significados se levarmos em conta o campo de significação no qual ele está sendo aplicado.

O campo de significação e, evidentemente o sentido atribuído as lutas de judô, podem sofrer distinções se levarmos em conta a condição e características específicas do grupo de pessoas que está lutando, suas idades, seu nível técnico, o tipo de evento, a instituição que promove as atividades, entre outros fatores. Ou seja, o ambiente e os sujeitos que compõem o espaço/tempo da luta.

Para ampliar a discussão sobre este tema, apresento um estudo piloto realizado com um grupo de 45 crianças praticantes de judô de uma escola pública municipal de São Caetano do Sul, de 6 a 11 anos de idade, numa análise de *campo valorativo*⁴ e campo de significação em torno de duas modalidades de luta: o *randori* (modalidade tradicional de luta de judô) e a *luta historiada* (modalidade de luta experimental).

Assim, este estudo propõe outras maneiras de compreender a luta infantil, pois:

...a Ciência da Motricidade Humana, ao pretender dar, na sua área, uma contribuição para que a Educação seja valorizada, tem de intervir de duas formas distintas, ainda que complementares:

- **deve estudar o que vem sendo feito, ainda que em moldes actualizados;**
- **deve propor novos modelos de actividades física.**

(ROSÁRIO, 1999, pag. 59 – grifo nosso)

A trajetória histórica e o sentido simbólico da luta de judô.

Historicamente, pensando em atividades de luta de origem oriental e, em especial, as japonesas, podemos observar uma reestruturação do sentido da luta, ou seja, a intencionalidade, de acordo com o percurso histórico onde a luta está inserida.

A partir do *bujutsu*, palavra japonesa na qual *jutsu* (術) significa “arte” ou “técnica”, designa formas de realizar determinadas ações com certa habilidade. *Bu* (武) significa “militar” ou “marcial”. Assim o termo *bujutsu* (武術) representa os métodos de combate desenvolvidos e praticados por guerreiros que envolvem aspectos técnicos, práticos e estratégicos para um combate real (VILLAMON, 2011, p. 85-86).

A prática do *bujutsu* estava presente no Japão medieval, pois, antes do período Tokugawa (1603-1868), o país estava em frequentes batalhas e a prática do *bujutsu* era imprescindível para a sobrevivência. O conhecimento dessas práticas era restrito a uma classe de guerreiros chamados de *bushis*. As técnicas de combate correspondiam à necessidade de serem aplicadas em combates reais, em muitos casos até a morte, e não tinham valor moral ou espiritual.

A busca de um estado mental favorável ao combate real é uma das características do treinamento marcial da época e tinha como finalidade a máxima eficiência no combate real. A luta, portanto, não possuía caráter simbólico, o homem lutava pela sobrevivência. O campo valorativo, neste contexto, reside em permanecer

⁴ O campo valorativo, neste trabalho, deve ser entendido como um espaço de valor e reconhecimento que se atribui para determinada ação motora, interpretado por um determinado grupo, que vai lhe conferir um conceito mediante certos indicadores. Exemplo é o valor atribuído para um golpe de judô. Quando aplicado numa competição o que conta é sua finalidade, ou seja, se sua aplicação promove a queda ou não do adversário, aí reside seu valor. Numa apresentação de técnica do mesmo golpe, onde, derrubar o adversário é óbvio, o valor está na demonstração da execução, seu campo valorativo, portanto, se altera, assumindo um caráter estético. Este conceito está baseado na noção de campo. BOURDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. pags 89-94.

vivo após combate real e conquistar o objetivo pretendido com a batalha, em geral, domínio de território.

Já o termo *budo* (武 道) tem o *Do* (*Tao*)⁵ que significa “caminho” e traz o sentido de “formas marciais” com natureza mais educativa e ética onde a meta é o desenvolvimento espiritual para a formação de uma personalidade equilibrada. O período Tokugawa, por ter promovido mais de 250 anos de paz no Japão, conduziu a prática do *bujutsu*, que antes era destinada ao combate real, à prática do *budo* uma forma simbólica e ritual em busca da autoperfeição e da evolução espiritual. Nesse período surge o *bushido* (武 士 道), ou seja, o caminho do guerreiro que comporta um código moral onde são exaltadas a honra, a lealdade, indiferença à dor, sentido de dever, desapego material, controle das emoções e o desenvolvimento de valores como coragem, disciplina, paciência, cortesia, entre outros (VILLAMON, 2011, pag. 94). O *Do* é marcado pela busca de autoperfeição que utiliza o treinamento das técnicas de luta como caminho. O *budo* efetiva uma transformação significativa na intencionalidade da luta na história do Japão. É o surgimento da natureza representativa da luta, de um caráter simbólico. O *Do* pode ser entendido como o momento de ruptura entre a luta real e sua representação simbólica. É interessante notar que, no transcorrer da história, o *Do* carrega novas significações quando surge o Judô e, mesmo nele, o *Do* se transforma de acordo com as circunstâncias históricas.

Jigoro Kano (criador do judô *kodokan*) estuda *jujutsu* num período de decadência dessa prática no Japão. O Judô surge a partir de suas experiências na prática do *jujutsu*, carregando parte da cultura oriental dos séculos de história marcial. Em função dessas novas circunstâncias históricas, o *Do* assume uma nova essência, torna-se método educativo (VILLAMON, 2011, pag. 90), uma nova representação simbólica para a intencionalidade.

Podemos afirmar, neste sentido, uma transformação da intencionalidade do homem que luta sem armas, desde o *bujutsu*, passando pelo *budô* e, no final do século XIX, convertido em Judô. Vale ressaltar que, em função das circunstâncias históricas de cada época, desde o Japão medieval até fins do século XIX, a intencionalidade do homem na luta também se altera. De combate real passa a ausência de combate e, as técnicas são dirigidas para a evolução espiritual devido às influências do pensamento oriental vigente no Taoísmo, do Confucionismo, do Xinto, do Zen Budismo e do *Bushido*.

Assim, o homem entra numa dimensão simbólica da luta, uma passagem definida pelo *Do*, como marco de transição do homem que luta em combate real para a luta em contexto simbólico. O surgimento do Judô carrega em parte elementos do *budo* clássico, mas, remete o *Do* a uma nova significação simbólica, pois o coloca dentro de um contexto educativo e integra os elementos orientais com ocidentais em consequência da abertura do país na restauração Meiji, influenciando o sistema educacional do Japão e a própria formação educativa de Jigoro Kano.

⁵ Segundo MENDOZA o conceito de *Tao* (*Dao*) apresenta oito significados atribuídos historicamente a este termo. Para este estudo estamos considerando o *Tao/Dao* como Caminho, “um caminho trilhado pelos pés humanos e que tem uma meta ou uma realização definida” MENDONZA, I.S. **Os oito caminhos do Tao**. Revista Notandum nº 14. CEMOrOC Feusp / IJI – Univ. do Porto 2007. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand14/dao8.pdf>. Interessante notar a profunda semelhança do conceito de *Tao/Dao* apresentado por MENDOZA e a essência da Motricidade Humana descrita por Manuel Sergio que diz: ... o homem movimentando-se com sentido e conteúdo – o conteúdo do desejo e o sentido da transcendência! De facto, “toda existência do ser humano é uma sucessão de superações, de transcendências em direção ao mais ser, à completude. E essa trajetória necessita de um sentido que, mais do que uma direção, é uma razão de ser”(SERGIO, sd. Pag. 62)

Em linhas gerais podemos afirmar que o *Do*, quando em referência das lutas de origem japonesa, é o surgimento da esfera simbólica, de origem oriental que, ao romper com a realidade do combate, mergulha numa dimensão invisível da motricidade. Interessante notar que o *Do* não é fixo historicamente uma vez que assume (re)significações diferentes de acordo com as circunstâncias histórico-sociais conduzindo o homem a formas diferentes de lutar apesar das técnicas pouco se alterarem. A essência da luta (*Do*) está escondida na forma técnica (*jutsu*).

Este pensamento, próprio do japonês, pode ser transmitido pelos termos *Omote* e *Ura*⁶.

Como afirma BARREIRA (2010), para que haja luta é necessário uma disposição mútua para o enfrentamento corporal nos indivíduos que se confrontam. No entanto existem motivos para a disposição do confronto, e, neste estudo pretende-se analisar se estas motivações diferem em significação no campo de ação da luta/treino tradicional do judô (*randori*) e no campo de ação/significação da *luta historiada* e, qual delas melhor representa a motivação da luta pela criança.

A partir desta perspectiva, não é possível analisarmos a essência do humano que luta desconsiderando o campo de ação, o campo valorativo e de significação onde a luta está inserida.

Tomando esta a linha de análise das lutas de judô, surgem questões como:

As lutas de judô, em diferentes contextos, são todas iguais?

Crianças, jovens, adultos, competidores ou não competidores lutam todos com o mesmo propósito?

Qual a essência das lutas infantis pelo ponto de vista delas?

A que universo representativo/simbólico, ou seja, a que campo de significação da motricidade pertence às lutas praticadas por crianças?

As questões acima nos remetem a um processo reflexivo que tende a construção de um pensamento distinto sobre as lutas na infância. Considera-se que, uma luta num treino, numa aula, numa demonstração técnica ou numa competição, praticadas por pessoas de idades diferentes, pertencentes a diferentes campos de aplicação, significação e valoração da motricidade, apresenta intencionalidades distintas.

Neste sentido levanta-se a hipótese de que existe um campo de aplicação/significação da motricidade onde os processos valorativos ocorrem e, por eles, determina-se o caminho que uma prática conduz. Dizendo de outra maneira, o processo valorativo das instituições seja a aula, o festival, o torneio, a mostra, entre outras, onde serão atribuídos os valores das ações corporais que, no caso do judô são as técnicas, os fundamentos e as formas de luta, entre outros fenômenos, conduzem a um determinado caminho de acordo com este campo de sentido. Este caminho é formado por um marcante simbolismo, e o que os orientais chamam de *Do*, *Tao* ou *Dao*.

Por trás da aplicação da técnica existem diferentes intencionalidades.

Esse sentido simbólico de atribuição de significados para a motricidade, representado pelas técnicas do judô, sofreram alterações históricas, como vimos no início do texto, acumulando desta forma diferentes campos de significação. Distinguir estes campos é fundamental para se compreender a essência por trás das aplicações técnicas

⁶ O lado *Omote* de uma arte são as técnicas visíveis e suas manifestações. A face *Ura* do mesmo movimento, entretanto, pode ser completamente diferente, remete a um significado mais profundo, atrás do que está visível. (LOUWRY, 2011, pag. 20-21)

e, mais que isso, imprescindível quando se trata da elaboração de processos educativos.

O problema central é que, desconhecendo os diferentes campos de significação comete-se o erro de atribuir o mesmo tipo de valor para a prática de luta em diferentes campos de significação, assim, corre-se o risco de restringir a possibilidade de desenvolvimento do potencial humano ao atribuir a um determinado campo de significação um processo valorativo equivocado.

Há uma dimensão de significação da luta onde o confronto se motiva pelo desafio do empenho e do contra-empenho, ou seja, um mútuo desafio corporal visando sobrepor-se ao outro para limitar sua mobilidade (BARREIRA, 2010, pag. 3). Esse tipo de motivação caracteriza o *randori*.

Randori, segundo Jigoro Kano (2008, pag. 25,26 e 27), é a “prática livre”, ou seja, uma prática de luta de ataque e defesa. Na prática do *randori* o objetivo é a aplicação das técnicas para testar sua eficiência em situação de luta sendo este o seu campo de significação. O campo valorativo se forma pelo sucesso ou insucesso na aplicação das técnicas. Assim, o *randori* é uma modalidade de luta que não é um combate real, é um combate desejado, com o objetivo de aperfeiçoar a própria forma de lutar. Como o próprio Kano aponta, o que se deve buscar com o *randori* é saber utilizar a força do adversário a seu favor, ter a mente concentrada, tanto para a aplicação dos golpes como para defender-se deles, analisar situações e tomar decisões rápidas, como também a preparação física e os cuidados com o corpo para evitar lesões e, para isso, seguem-se as normas e etiqueta do judô.

Por outro lado, como o próprio BARREIRA aponta, existe uma motivação própria do universo lúdico, do desafio que ocorre na brincadeira onde a luta torna-se objeto do espírito lúdico, em suas palavras:

Na distensão do desafio da luta que ocorre na brincadeira, passa-se para o outro lado da tangente onde a luta torna-se objeto do espírito lúdico. **E como brincadeira a luta pode ser representativa – isto é, aludir a um duelo, a uma briga** – ou primária, isto é, não representar nada, mas dar-se como jogo corporal em que um e outro se tateiam empenhadamente procurando restringir a mobilidade do parceiro e, justo por se colocarem adversamente nesta relação, tornam-se adversários recíprocos. (BARREIRA, 2010, p. 3, grifo nosso)

A luta representativa, como apontado na citação é o que denominamos no estudo de *luta historiada*. Uma *luta historiada*, por sua vez, é uma luta, baseada nos moldes do *randori*, ou seja, segue as mesmas características e fundamentos já apresentados, porém imersos num campo de significação imaginativo, simbólico, de faz de conta (representativo). Não se trata de uma luta real, não se trata de uma luta para aferir eficiência técnica (empenho e contra-empenho). Trata-se de uma modalidade de luta que remete à motricidade infantil, entendida como conduta humana, num universo de imaginação. Este, por sua vez, se expressa pela interação das qualidades técnicas do judô, com a condição mental de simbolizar a realidade em que, em grande parte das situações, volta-se ao lúdico, pois, como diz Manuel Sérgio (1999, pag. 28), *a sua essência é a intenção e o sentido das ações e não uma prática predominantemente técnica*”.

BARREIRA conclui que, o que diferenciara e implicará na objetividade combativa (aplicação das técnicas adquiridas) é a intenção prevalente, ou melhor, a disposição subjetiva, que, em outro estudo, designei por intencionalidade da luta⁷.

⁷ SANTOS, S. BACELLAR, E.D. **A relação sujeito-sujeito-objetivo: estudo propositivo das intencionalidades na prática do Judô**. Convenit Internacional 8 jan-abr 2012 CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto . Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit8/37-46Sergio.pdf>

O Do no campo de significação simbólico das lutas para crianças

O que se busca é, ao analisarmos o sentido das lutas para crianças, encontrar uma possível projeção dos campos valorativos e de significação próprios do universo adulto, injetados nas lutas das crianças que, ao desconsiderar a maneira como elas pensam, sentem, agem e dimensionam sua intencionalidade, restringem o sentido que elas podem dar naturalmente para sua motricidade.

Para buscar respostas aos problemas aqui levantados conduzi um estudo com crianças praticantes de judô, com idades variantes entre 6 a 11 anos de idade, com graduações que vão de faixa branca a azul-escuro, com tempo de prática que varia de 6 meses a 4 anos, de uma escola pública municipal de São Caetano do Sul. O estudo analisou a maneira como as crianças compõem seus próprios campos valorativos e de significação em torno de duas possibilidades de prática da luta realizadas em aula, o *randori* e a *luta historiada*.

O estudo consistiu em apresentar a modalidade de *luta historiada* ao grupo de alunos de judô e o *randori*, já conhecido por todos eles, pois se trata de uma prática tradicional. As *lutas historiadas* foram realizadas em seguida de uma história, na qual seus personagens em determinado momento iriam lutar e os alunos representavam esses personagens. Um exemplo foi a *luta das múmias*. Um grupo de alunos se espalhava pelo *tatami*, deitados e imóveis. Outro grupo de alunos, em mesma quantidade, já com as duplas de luta previamente formadas, iriam caminhar entre os lutadores deitados (múmias). Eles representavam os caçadores de tesouro e, deveriam procurar por ele dentro do *dojo* (sala de judô) antes que as múmias despertassem. Ao sinal dado pelo *Sensei* (representando o faraó), as múmias despertavam, perseguiram os caçadores de tesouro e, ao serem tocados deveriam iniciar a luta por posse do território e, consecutivamente seu tesouro. Após três sessões de treinos com duas lutas em modalidade historiada e duas em modalidade de *randori*, ambas com 3 minutos de execução em cada rodada, foi solicitado aos alunos um desenho e um relato escrito da modalidade de luta que lhes era mais significativa e o motivo.

De um total de 45 alunos participantes do estudo, retornaram 35 desenhos e seus respectivos textos. Do total, 31 trabalhos (88,58%) apontam a *luta historiada* como mais significativa e 4 trabalhos (11,42%) apontaram o *randori*. Nos desenhos é interessante notar que, para aqueles que elegeram o *randori* como mais interessante retratam dois lutadores, vestidos de *judogui* (roupa de judô) sobre o *tatami* sem nenhum outro contexto simbólico que possa ampliar o campo de significação e o campo valorativo da luta. Desses trabalhos temos os seguintes relatos:

“Eu gosto de fazer judô porque eu gosto de luta, dos golpes de derrubar e é bom pra se defender” (T.A.C – 6 anos – faixa branca)

“Eu gostei da luta normal porque posso fazer os golpes que aprendi”(G.B.- 6 anos – faixa branca)

“Eu gosto mais do *randori* porque treino os golpes de defesa e ataque que aprendi nas aulas com o *sensei*” (E.F.- 8 anos – faixa cinza)



Fig. 1 – Representação do *randori* (L.F.Z., 6 anos, faixa branca)

Já os trabalhos onde foi declarada a preferência pela *luta historiada* os desenhos retratam um universo simbólico com personagens, paisagens e cenários próprios das histórias que precedem as lutas. As justificativas da preferência:

“Porque nós usamos a imaginação e parece que nós somos os personagens das histórias como se estivéssemos no campo de batalha e isso é muito legal e divertido” (MSN- 11 anos)

“Eu acho a luta historiada mais legal porque me sinto na história” (I.V. – 8 anos – faixa branca)

“Porque a gente se anima. A gente se sente personagem e fica mais legal” (G.G.C. 8 anos – faixa vinho)

“Eu acho mais legal a luta historiada porque pode lutar, brincar e se divertir”

“É muito legal a luta na história do que a luta normal, e também a gente brinca enquanto aprende” (L.G. – 8 anos- faixa vinho)

“Eu gosto da luta historiada porque nós imaginamos o lugar e os personagens das histórias dos amigos” (F.S.- 9 anos – faixa vinho)

“Eu gosto do judô com histórias porque adoro praticar esportes com histórias” (G.P. – 7 anos – faixa branca)

“Eu gosto mais da luta historiada porque ela é mais engraçada” (L.L - 7 anos- faixa branca)

“Eu gosto mais da luta historiada porque ao mesmo tempo em que a gente está lutando a gente está brincando” (L.L- 7 anos - faixa branca)

“É mais legal lutar nas histórias porque a gente usa a imaginação criando personagens para si mesmos usando poderes da imaginação sendo magos, lobisomens, etc.” (M.M.S.N – 10 anos – faixa cinza)

“A brincadeira de luta é mais legal porque, quando a gente se sente livre é mais divertido e a luta normal a gente só luta e não tem graça” (E.C.P, 8 anos, faixa vinho)

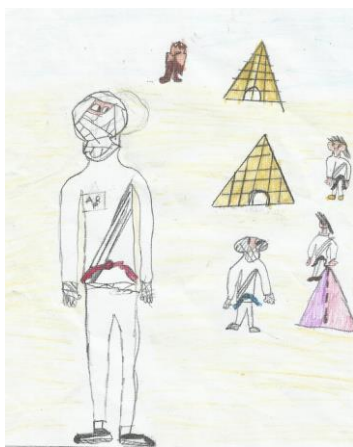


Fig. 2 – Representação da luta historiada – (G.G.C. 8 anos – faixa vinho)

“Porque nós sentimos que nós estamos representando um personagem em uma história, apresentando um papel. Cada um tem uma função na história, completando-a com sua imaginação. Com a luta historiada a luta fica interessante e ao mesmo tempo estudantil. Resumindo: a luta historiada é um jeito de estudarmos e brincarmos” (M.N.-10 anos- faixa azul-claro)

“É divertido brincar com a luta, porque as pessoas ficam imaginando, a gente se sente em outro mundo, e fica mais divertido de treinar porque nós treinamos brincando e tudo fica melhor” (M.K. 10 anos – faixa branca)

“As atividades do Judô são mais do que brincadeiras, é aprendizado, criatividade, treinamento e diversão. Na última aula fizemos a brincadeira que era um

treinamento da luta de pé, onde a gente invadiu a pirâmide do faraó e lutamos com as múmias do rei. Com esta brincadeira nós incentivamos nossas habilidades” (A. 10 anos – faixa azul-claro)

“Eu gosto mais da luta historiada, pois eu acho que nos incentiva mais a fazer a luta, e é bom, nós incorporamos os personagens” (L.G.C.- 9 anos – faixa azul-claro).

Além dos discursos sobre a preferência de modalidade de luta, alguns trabalhos traziam novos enredos de lutas historiadas como: A múmia e o vampiro; A luta dos pokemons; Desafio dos animais; Desafio dos deuses gregos; Ninja x os lobos mutantes; O cemitério das plantas carnívoras; Projeto espionagem; etc.

Considerações Finais

As descrições feitas pelas crianças que deram preferência ao randori como expressão mais significativa de sua motricidade ao lutar coincide em intencionalidade com a própria definição de *randori* apresentada por Jigoro Kano e a motivação para o combate de empenho e contra-empenho apresentado por BARREIRA. Já a modalidade de *luta historiada*, eleita pela maioria dos alunos como forma mais significativa de expressão da motricidade na luta, descreve um campo valorativo e de significação ligados a um tipo de luta representativa, de alusão a um duelo.

O estudo apresentado não supõe, de forma alguma, abandonar as práticas já existentes no ensino/treino do judô como o *uchikomi*, o *randori*, o *nague ai*, o *kata*, entre outras. Abre sim a possibilidade de acrescentar outra modalidade de luta que permita a ampliação do potencial representativo dos sujeitos que lutam englobando um campo de significação e um campo valorativo mais próximo da maneira como a crianças vivem a luta. Assim, uma nova possibilidade de olharmos para as lutas na infância se configura contribuindo, de certa forma, na construção de um sentido mais amplo para a motricidade aplicada na luta, favorecendo a permanência na atividade, pois a torna menos maçante.

Referências Bibliográficas

- BARREIRA, C. R. A. **Fenomenologia da luta corporal e da arte marcial**. In: *IV - Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos - SIPEQ*, 2010, Rio Claro. Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos - SIPEQ, 2010
- FEITOSA, A. **Ciência da Motricidade Humana (C.M.H.)**. In: SÉRGIO, M (org). **O Sentido e a Ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- KANO, J. **Judô Kodokan**. São Paulo: Cultrix, 2008.
- LOWRY, D. **O Dojo e seus significados: um guia para os rituais e etiqueta das artes marciais japonesas**. São Paulo. Pensamento, 2011.
- ROSÁRIO, T. **A Motricidade Humana e a Educação**. In: SÉRGIO, M (org). **O Sentido e a Ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- SERGIO, M. **Motricidade Humana: contribuições para um paradigma emergente**. Lisboa: Instituto Piaget, sd.
- VILLAMON, M. **Introducción al Judô**. Barcelona: Editorial Espano Europea, 2011.

Recebido para publicação em 17-11-12; aceito em 21-12-12